

Mulheres cientistas são minoria nas reportagens de capa e seções de entrevista da revista *Pesquisa Fapesp*

Rodrigo Bastos Cunha

Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Campinas, SP, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3679-1062>

Resumo

Pesquisas recentes sobre jornalismo científico têm investigado a comunicação organizacional das instituições de pesquisa e sua presença na mídia, as áreas do conhecimento mais divulgadas e as que menos aparecem e a diferença entre cientistas homens e cientistas mulheres no número de pessoas entrevistadas. Este estudo usa como metodologia a Análise Textual Discursiva para investigar as instituições, as áreas do conhecimento e o sexo das fontes entrevistadas pela revista *Pesquisa Fapesp* para as suas reportagens de capa e para as seções de entrevista, em suas doze edições publicadas em 2024. Como referencial teórico se tem pesquisas que tratam de comunicação organizacional e de desigualdade de gênero. A Universidade de São Paulo se destaca como instituição com maior número de entrevistados, e mais da metade dos entrevistados são de universidades públicas. A equipe de reportagem da revista entrevistou pesquisadores de todas as regiões do país e também do exterior. Nenhuma pessoa da Grande Área Linguística, Letras e Artes foi entrevistada para as reportagens de capa da revista em 2024. A Grandes Áreas com mais entrevistados são Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Ciências da Saúde. Entre as áreas específicas, Medicina, Meteorologia e Física são as que têm mais pessoas entrevistadas. As mulheres cientistas representam menos de um terço do total de entrevistados nas reportagens de capa e menos de um quarto nas seções de entrevista.

Palavras-chave

jornalismo científico; comunicação organizacional; áreas do conhecimento; mulheres cientistas; *Pesquisa Fapesp*

1 Introdução

Ao longo das últimas quatro décadas no Brasil, o campo interdisciplinar de pesquisa sobre divulgação científica, de uma forma geral, e sobre jornalismo científico, em particular, tem produzido importantes investigações nos âmbitos das pós-graduações, dos congressos e dos periódicos especializados. Entre os temas investigados está o comprometimento das universidades brasileiras na divulgação de suas pesquisas.

O líder do grupo de pesquisa “O jornalismo na comunicação organizacional”, da Universidade de São Paulo (USP), Wilson da Costa Bueno, é um pioneiro no estudo do jornalismo científico no Brasil, com sua tese de doutorado sobre o tema defendida em 1985. Em entrevista à jornalista Carla Tôzo (2022a), ele afirma que a maioria das universidades priorizam mais o ensino e a extensão do que a divulgação de suas pesquisas. Para a divulgação científica, segundo ele, há “[...] espaço razoável nessas universidades principais, as que produzem o conhecimento no Brasil, com maior número de pesquisadores produzindo material, mas na maioria das universidades o espaço ainda é pequeno” (Tôzo, 2022a, p. 155-156).

Silva e Pereira (2021), preocupados em refletir sobre o lugar da comunicação organizacional nas instituições de pesquisa, realizaram um estudo sobre três universidades federais mineiras. Segundo eles, na Universidade Federal de Lavras, há registros de comunicação organizacional extensionista a partir de 1999 e a Assessoria de Comunicação, ligada à Reitoria, surge apenas em 2010. A Universidade Federal de Viçosa formaliza sua Coordenadoria de Comunicação Social em 1996, a qual, a partir de 2017, liga-se à Reitoria e passa a se chamar Diretoria de Comunicação Integrada. A Universidade Federal de Minas Gerais possui Sala de Imprensa desde a década de 1970, origem de sua Coordenadoria de Comunicação Social criada em 1986. Seu Centro de Comunicação, atualmente, engloba TV UFMG, Rádio UFMG Educativa, Assessoria de Imprensa, Núcleo Web e Agência de Notícias.

De acordo com o levantamento de Tôzo (2024) sobre a comunicação realizada em 109 universidades públicas de todo o país, 64% das universidades federais investigadas não possuem jornal universitário e 48% não produzem jornalismo científico, publicando apenas notícias institucionais; já entre as universidades estaduais investigadas, 75% não produzem jornalismo científico e publicam somente notícias institucionais. Tôzo (2022b) aponta entre os primeiros jornais universitários do país o *Perobal*, criado nos anos 1970 na Universidade Estadual de Londrina, e o *Beira do Rio*, criado em 1985 na Universidade Federal do Pará.

Outro tema investigado nas pesquisas sobre jornalismo científico é a abrangências das áreas do conhecimento abordadas pelos veículos de comunicação. Wilson Bueno considera um problema “[...] fazer uma cobertura mais focada nas ciências duras, exatas, biológicas e físicas, deixando de lado as ciências humanas. Temos que ter um compromisso com temas atuais e relevantes, mas cujo discurso seja compreensível para o público” (Tôzo, 2022a, p. 154). Nos portais de notícias das universidades mineiras investigadas por Silva e Pereira (2021), os macrotemas mais encontrados no período de 2004 a 2018 foram Meio Ambiente e Sustentabilidade, Saúde e Agropecuária.

A pesquisa de Ramalho *et al.* (2012) propôs um protocolo de investigação sobre notícias de ciência e tecnologia veiculadas em telejornais. Já prevendo uma menor presença de certas áreas do conhecimento na mídia do que aquelas chamadas por Bueno de “ciências duras”, esse protocolo reuniu em uma só categoria as Ciências Sociais Aplicadas, as Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

Além da comunicação organizacional das universidades e das áreas do conhecimento abordadas pela mídia, outra preocupação das pesquisas sobre jornalismo científico é a diferença entre o número de cientistas homens e o número de cientistas mulheres na escolha das pessoas entrevistadas pelos veículos. Na análise de 188 reportagens sobre ciência veiculadas no *Jornal Nacional* e no *Fantástico*, da TV Globo, entre abril de 2009 e março de 2010, Massarani, Castelfranchi e Pedreira (2019) verificaram que apenas 25% dos entrevistados eram mulheres. Em estudo mais recente de 48 reportagens sobre vacinas veiculadas entre março de 2020 e agosto de 2021 no *Fantástico*, da TV Globo, e no *Domingo Espetacular*, da TV Record, Damasceno *et al.* (2024) constataram que 68,7% dos cientistas entrevistados eram homens e 31,3% eram mulheres.

Com base nos estudos citados, esta pesquisa tem como objetivo investigar três questões em um veículo específico do jornalismo científico, a revista *Pesquisa Fapesp* (2024): as instituições dos entrevistados, suas áreas do conhecimento e se são homens ou mulheres. Trata-se de um veículo importante do ponto de vista de Wilson Bueno, segundo ele manifesta em entrevista a Tôzo (2022a), e que é um bom modelo de jornalismo científico para Luiza Caires, editora de ciências do *Jornal da USP*, de acordo com seu depoimento para a pesquisa de Tôzo (2024).

2 Metodologia

Esta pesquisa é do tipo documental e tem como *corpus* as reportagens de capa e as seções de entrevista das doze edições da revista *Pesquisa Fapesp* (2024) publicadas entre janeiro e dezembro de 2024. A *Pesquisa Fapesp*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), é uma revista jornalística mensal especializada em cobrir a produção científica e tecnológica brasileira; com circulação de cerca de 30 mil exemplares, é vendida em bancas de jornal e livrarias de todo o país e pode ser adquirida por assinatura.

O problema de pesquisa gira em torno das seguintes indagações: quais são as instituições de pesquisa mais procuradas como fonte pela revista? Quais as áreas do conhecimento mais se destacam entre os entrevistados? Há desigualdade entre pesquisadores homens e pesquisadoras mulheres nas escolhas de fonte? A metodologia usada neste estudo é a Análise Textual Discursiva (Moraes, 2003) e as categorias definidas *a priori* são (1) as instituições dos entrevistados; (2) as áreas do conhecimento dos entrevistados e (3) o sexo dos entrevistados.

Como um dos objetivos da pesquisa é verificar se há diferença no número de homens e de mulheres entre as pessoas entrevistadas pela revista, optou-se por não usar a categoria gênero, que envolve autoidentificação, em geral não declarada em reportagens de capa. O gênero do entrevistado pode ser identificado quando a reportagem é centrada em um personagem específico, como a que trata da escritora transgênero Amara Moira, na seção Itinerários de Pesquisa da edição de outubro de 2024 da *Pesquisa Fapesp*. Além disso, pretendemos comparar os dados dos entrevistados pela revista nas reportagens de capa e nas seções de entrevista com dados do Censo de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que apresenta a distribuição percentual dos pesquisadores por sexo (Chiarini; Rapini; Santos, 2024).

Optou-se por investigar as áreas de conhecimento dos entrevistados e não as áreas abordadas como tema nos textos, porque, geralmente, as reportagens de capa abordam temas que envolvem mais de uma área de conhecimento. Ao comentar o protocolo para análise de matérias sobre ciência em telejornais, Ramalho *et al.* (2012, p. 20) observam a dificuldade daquele instrumento em contemplar a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade da ciência, e afirmam que em “[...] algumas matérias, era difícil apontar um único campo científico abordado na notícia”.

A primeira etapa da Análise Textual Discursiva é a desmontagem dos textos, a desconstrução, a unitarização (Moraes, 2003). Para os propósitos desta pesquisa, essa unitarização, no caso das reportagens de capa, foi feita a cada ocorrência de discurso direto entre aspas, verificando, primeiro, se seria citação de algum texto (artigo ou relatório de pesquisa) ou se seria depoimento de uma pessoa entrevistada pela equipe da revista. Em seguida, verificamos se as ocorrências seguintes de discurso direto entre aspas seriam depoimentos da mesma pessoa entrevistada ou de outra pessoa. No caso das seções de entrevista, a categorização pode ser feita a partir da apresentação do entrevistado que precede a estrutura tradicional de perguntas e respostas das entrevistas.

É importante reforçar que nas reportagens de capa, para a categorização das instituições e das áreas do conhecimento, levou-se em consideração apenas as fontes efetivamente entrevistadas pela revista, nas ocorrências de discurso direto entre aspas seguido do nome da pessoa entrevistada e de sua especialidade ou cargo. A equipe de reportagem da revista *Pesquisa Fapesp* também usa como fonte artigos científicos publicados em periódicos especializados e pode, eventualmente, mencionar instituições de pesquisa, empresas e órgãos do governo sem necessariamente entrevistar alguma pessoa dessas instituições mencionadas. Os autores de artigos citados e as instituições apenas mencionadas não fazem parte deste levantamento. Na categorização das áreas de conhecimento dos entrevistados, utilizou-se a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq.

3 Resultados

Conforme sinalizamos acima, não vamos contabilizar o número de ocorrências de discurso direto entre aspas extraídos de textos, como artigos ou relatórios de pesquisa, e também não contabilizaremos pesquisadores mencionados nas reportagens de capa que não estejam vinculados a alguma ocorrência de discurso direto entre aspas. Nas reportagens de capa das doze edições da revista *Pesquisa Fapesp* publicadas entre janeiro e dezembro de 2024, foram entrevistadas, no total, 97 pessoas, uma delas em mais de uma edição: o climatologista Carlos Nobre, da Universidade de São Paulo, nos meses de abril e setembro. Esta, por sinal, é a instituição que mais se destaca entre as fontes da revista: do total de pessoas entrevistadas nas reportagens de capa, 19 são da USP.

Tôzo (2023) afirma que, além de ter um dos jornais universitários mais antigos do país, o *Jornal da USP*, criado em 1985, essa universidade também conta com uma estrutura de organização comunicacional que envolve não apenas a assessoria de imprensa ligada à

Reitoria, mas também assessorias de comunicação nas unidades de ensino, nos laboratórios e grupos de pesquisa e conta ainda com uma Superintendência de Comunicação Social, responsável pela comunicação mais geral, tanto para o público interno quanto externo.

As outras instituições com maior número de entrevistados nas reportagens de capa da *Pesquisa Fapesp*, em 2024, são a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com cinco; o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), também com cinco; e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com três. Entre os entrevistados de universidades públicas, 30 são de estaduais e 22 de federais. A equipe de reportagem da *Pesquisa Fapesp* também entrevistou nove pessoas de universidades e centros de pesquisa estrangeiros, sendo elas dos Estados Unidos, do Canadá, do Reino Unido, da Singapura e da África do Sul.

Além de possuírem uma boa estrutura de comunicação organizacional, as universidades públicas brasileiras de grande porte também são as que mais produzem pesquisas no país. Tôzo (2024, p. 25) menciona o relatório *A pesquisa no Brasil: promovendo a excelência*, publicado pela Clarivate Analytics, em 2019, por encomenda da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), segundo o qual “[...] 10 universidades – todas elas públicas – são responsáveis por mais da metade da produção científica brasileira, com as três universidades estaduais paulistas [...] encabeçando a lista”.

Outras três instituições paulistas tiveram, cada uma, dois entrevistados em reportagem de capa da *Pesquisa Fapesp* em 2024: a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), sediado em São José dos Campos. Além das instituições paulistas e do exterior, a equipe da revista entrevistou pessoas de outros treze estados brasileiros e do Distrito Federal. O Quadro 1 mostra as instituições brasileiras de fora do estado de São Paulo com dois entrevistados em 2024.

Quadro 1 - Instituições brasileiras de fora de São Paulo com dois entrevistados

Instituição	Unidade da Federação
Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial	DF
Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada	DF
Laboratório Nacional de Computação Científica	RJ
Ministério da Justiça e Segurança Pública	DF
Universidade de Brasília	DF
Universidade Federal de Juiz de Fora	MG
Universidade Federal de Lavras	MG
Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Universidade Federal de Santa Catarina	SC

Fonte: Elaborado pelos autores.

É importante observar que a categorização das instituições dos entrevistados nas reportagens de capa inclui não apenas cientistas vinculados a universidades e centros de pesquisa, mas também pessoas de empresas privadas ou órgãos do governo. A escolha dessas pessoas como fontes envolve, além de sua posição em uma instância de tomadas de decisão em questões relacionadas com ciência e tecnologia, como o Ministério da Justiça, a sua expertise em determinada área do conhecimento, como o Direito, por exemplo.

Em relação às Grandes Áreas do Conhecimento dos entrevistados nas reportagens de capa das edições da *Pesquisa Fapesp* publicadas em 2024, as que mais se destacam são: Ciências Exatas e da Terra, com 28 entrevistados; Ciências Agrárias, com 17 entrevistados; e Ciências da Saúde, também com 17 entrevistados. Essas áreas das fontes mais consultadas pela revista estão diretamente relacionadas aos macrotemas Meio Ambiente e Sustentabilidade, Saúde e Agropecuária, os mais encontrados no período de 2004 a 2018 nos portais de notícias das universidades mineiras pesquisadas por Silva e Pereira (2021). O destacado número de entrevistados das Ciências Exatas e da Terra, na *Pesquisa Fapesp*, se deve, entre outras coisas, ao fato de que as edições de abril, de setembro e de dezembro tiveram como tema principal da reportagem de capa o aquecimento global, com fontes da Meteorologia, da Geologia, da Física e da Química.

Nenhuma pessoa da Grande Área Linguística, Letras e Artes foi entrevistada nas reportagens de capa da revista em 2024. As Ciências Humanas tiveram doze entrevistados; as Ciências Biológicas, nove; as Ciências Sociais Aplicadas, sete; e as Engenharias, também sete. Considerando-se áreas específicas do conhecimento, as que mais se destacam são Medicina, com doze entrevistados, dos quais sete são da subárea de Doenças Infecciosas e Parasitárias; Meteorologia, com dez entrevistados, dos quais quatro são da subárea de Climatologia; e Física, com nove entrevistados.

É preciso esclarecer duas questões relacionadas ao procedimento metodológico desta presente pesquisa. A primeira é a relação entre o adjetivo usado pelo repórter para caracterizar o autor do discurso direto reproduzido entre aspas e a respectiva área do conhecimento desse entrevistado de acordo com os termos usados na tabela do CNPq. A fonte caracterizada pela revista como “infectologista” foi contabilizada na grande área Ciências da Saúde, na área específica Medicina e na subárea Doenças Infecciosas e Parasitárias, porque não há uma subárea “Infectologia” na tabela do CNPq. A fonte caracterizada como “climatologista”, por sua vez, foi contabilizada na grande área Ciências Exatas e da Terra, na área específica Meteorologia e na subárea Climatologia. A segunda questão é que nem toda engenharia aparece na tabela do CNPq na grande área Engenharias: a grande área Ciências Agrárias tem engenharia em duas áreas específicas, uma denominada de Recursos Florestais e Engenharia Florestal, que optamos por chamar aqui apenas de Engenharia Florestal, e outra de Engenharia Agrícola. A Tabela 1 mostra as dez áreas específicas do conhecimento com maior número de entrevistados nas reportagens de capa.

Tabela 1 - Dez áreas específicas do conhecimento com maior número de entrevistados

Área do conhecimento	Número de entrevistados
Medicina	12
Meteorologia	10
Física	9
Engenharia Agrícola	6
Medicina Veterinária	6
Sociologia	5
Direito	4
Ciência da Computação	3
Psicologia	3
Engenharia Florestal	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

O fato de nenhuma pessoa da Grande Área Linguística, Letras e Artes ter sido entrevistada nas reportagens de capa da *Pesquisa Fapesp* em 2024 não significa que a revista

não faça divulgação das pesquisas nesses campos do conhecimento, mas indica o lugar que esse tipo de pesquisa ocupa, hierarquicamente, nas prioridades de pauta da revista. Nas páginas finais de sua versão impressa, há reportagens sobre Literatura (edições de fevereiro, maio, julho, agosto e novembro), Cinema (edições de janeiro e agosto), Linguística (edição de janeiro), Artes Visuais e Musicologia (edição de março) e Fotografia (edição de maio).

Em relação ao sexo das 97 pessoas entrevistadas nas reportagens de capa da *Pesquisa Fapesp* publicadas em 2024, 69,1% são do sexo masculino e 30,9% são do sexo feminino. Trata-se de uma desigualdade entre homens e mulheres muito próxima à encontrada por Damasceno *et al.* (2024) em sua análise de reportagens sobre vacinas veiculadas entre março de 2020 e agosto de 2021 no *Fantástico*, da TV Globo, e no *Domingo Espetacular*, da TV Record. Duas questões podem ser relacionadas com essa desigualdade entre homens e mulheres. Uma é a diferença nas escolhas de cursos mais procurados por homens e cursos mais procurados por mulheres.

Em pesquisa realizada há uma década, Pedreira (2014) constatou que os homens representavam 80% ou mais em Física e nas Engenharias Mecânica, Elétrica e Naval, enquanto as mulheres representavam 80% ou mais em Nutrição, Serviço Social, Enfermagem e Fonoaudiologia. De acordo com o estudo *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres do Brasil* (IBGE, 2024), as mulheres representavam mais de 60% dos concluintes de cursos de graduação no Brasil, em 2022, mas eram apenas 15% em Computação e 22% em Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática, chegando, em contrapartida, a 91% na área chamada de Bem-Estar pelo estudo, que inclui, por exemplo, Serviço Social.

A outra questão relacionada à desigualdade entre homens e mulheres como fontes consultadas pelo jornalismo científico está ligada a diferenças na própria carreira científica. Há uma década, Pedreira (2014, p. 4) observava que “[...] apesar de a participação de mulheres cientistas ter se igualado à de homens cientistas, elas ainda são minoria, quando analisamos lideranças em grupos de estudos”.

Em 2014, de acordo com o Censo do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (Chiarini; Rapini; Santos, 2024), havia 35.424 grupos de pesquisa cadastrados no país, com um total de 180.261 pesquisadores, dos quais 50% eram do sexo masculino e 50% eram do sexo feminino. Entre os líderes de grupos de pesquisa, 54% eram do sexo masculino e 46% eram do sexo feminino. Uma década depois, ainda há desigualdade, mas a diferença caiu. De acordo com o censo mais recente, de 2023, havia 42.852 grupos de pesquisa cadastrados, com um total de 247.455 pesquisadores. Desse total, 52% são do sexo feminino e 48% são do sexo masculino. A situação se inverte, no entanto, quando se trata de liderança: entre os líderes de grupos de

pesquisa, 52% são do sexo masculino e 48% são do sexo feminino (Chiarini; Rapini; Santos, 2024). Porém, como vimos acima, quando se trata de escolhas de fontes a serem entrevistadas para as reportagens de capa de uma das referências em jornalismo científico do Brasil, a revista *Pesquisa Fapesp*, a diferença é muito maior.

A desigualdade entre homens e mulheres na ciência, que se reflete em escolhas de fontes entrevistadas pelo jornalismo científico, é parte de um processo histórico. De acordo com Heerdt e Batista (2016), o uso do termo “gênero” associado à ciência começa a aparecer na literatura acadêmica na década de 1970. Segundo elas, “Gênero e Ciência são construções sociais que não são neutras e livres de valores, e a história nos mostra um choque cultural entre elas” (Heerdt; Batista, 2016, p. 32). As autoras afirmam que no “[...] processo histórico da construção do conhecimento científico, por muitas vezes as mulheres foram desconsideradas como sujeitos de conhecimento e como agentes nos fenômenos sociais” (Heerdt; Batista, 2016, p. 32).

No caso das seções de entrevista da revista *Pesquisa Fapesp*, em que se destaca um personagem para um texto estruturado na forma de perguntas e respostas, conhecido no jargão jornalístico como entrevista pingue-pongue, foram entrevistadas, no total, 26 pessoas nas doze edições publicadas em 2024. Novamente, a exemplo do que vimos em relação às reportagens de capa, entre as instituições dos personagens destacados nas seções de entrevista, a USP também se sobressai, com seis pessoas entrevistadas.

Nessas seções da revista, sete pessoas entrevistadas são de instituições estrangeiras, entre elas a National Science Foundation (NSF), dos Estados Unidos; quatro são de universidades federais e duas são da Unicamp. A Universidade Católica de Brasília (UCB), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa) a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), o Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (Cesac) e a Agência Espacial Brasileira (AEB) também tiveram um entrevistado cada.

A Medicina, já mencionada como uma das áreas com maior número de entrevistados nas reportagens de capa, também é a área de conhecimento que mais se destaca nas seções de entrevista, com cinco entrevistados. Três áreas têm dois entrevistados, cada, nessas seções: as Ciências da Computação, a Sociologia e a Agronomia. Se, por um lado, vimos que nenhuma pessoa da Grande Área Linguística, Letras e Artes foi entrevistada para as reportagens de capa da revista em 2024, na seção de entrevista, aparece um entrevistado da Teoria Literária.

As instituições, as áreas do conhecimento e o sexo dos entrevistados (M para masculino e F para feminino) estão no Quadro 2.

Quadro 2 - Instituições, áreas do conhecimento e sexo dos entrevistados nas seções de entrevistas em 2024

Edição	Instituições	Áreas do Conhecimento	Sexo
Janeiro	USP e Agência Espacial Brasileira	Ciências da Computação e Engenharia Elétrica	M e M
Fevereiro	USP e MapBiomias	Administração e Engenharia Florestal	M e M
Março	Universidade de Nova York e Famerp	História e Medicina	F e M
Abril	Unicamp, USP e UFCE	Medicina (2) e Física	M, M e M
Maio	Fiocruz e Universidade de Princeton	Sociologia e Química	F e M
Junho	Universidade de Chicago	Medicina	M
Julho	UFRN	Zoologia	F
Agosto	USP e Unicamp	Economia e Medicina	M e M
Setembro	Inpa, UFPA e Cesac	Biologia, Psicologia e Sociologia	M, M e M
Outubro	UnB e Escola Normal Superior de Paris	Medicina Veterinária e Filosofia	M e M
Novembro	USP, NSF e Un. de Princeton	C. da Computação, Geografia e T. Literária	F, F e M
Dezembro	UCB, Un. de Rice e USP	Agronomia (2) e Física	M, M e F

Fonte: Elaborado pelos autores.

A diferença entre homens entrevistados e mulheres entrevistadas, que vimos ser grande nas reportagens de capa da revista, se torna ainda maior nas seções de entrevista, com 20 homens (76,9%) e seis mulheres (23,1%) entrevistados. Embora não fizesse parte do escopo desta pesquisa a investigação de diferenças étnico-raciais nas escolhas dos entrevistados, é importante mencionar que apenas uma pessoa destacada nas seções de entrevista da *Pesquisa Fapesp* é negra.

De acordo com Rodrigues da Silva (2008, p. 2), a “[...] ciência está situada historicamente num tempo e num espaço, influenciada diretamente por interesses políticos, econômicos e sociais que refletem nas questões de gênero e raça”. Segundo essa autora, quando os fundamentos da Ciência Moderna foram estabelecidos, com base no racionalismo e na objetividade, as mulheres não eram consideradas indivíduos dotados de razão, mas de emoção. No século XIX, inspiradas nos ideais de igualdade da Revolução Francesa, algumas mulheres começaram a lutar por seus direitos. Rodrigues e Silva (2008, p. 5) relatam que os “[...] psiquiatras responderam às reivindicações das mulheres por direito aos estudos e ao trabalho remunerado, dizendo que seu destino de incapacidade para essas funções estava determinado pela biologia e que esses protestos não passavam de uma patologia”.

4 Considerações finais

Uma das formas da sociedade ver o retorno do investimento de recursos públicos em pesquisa é a divulgação dos trabalhos dos pesquisadores e de suas instituições na mídia. Essa visibilidade, em grande medida, pode ser impulsionada pela intermediação das assessorias de imprensa das universidades e centros de pesquisa. A estrutura da comunicação organizacional da USP é um exemplo do que essa relação entre universidade e imprensa pode proporcionar em termos de visibilidade institucional.

Em relação às áreas do conhecimento, sabe-se que temas ligados à saúde têm grande apelo junto ao público e que a força econômica do agronegócio brasileiro também ajuda a impulsionar pautas nessa área. Isso não impede, no entanto, de se buscar também maior visibilidade para as pesquisas realizadas nas Ciências Humanas. Em 2023, o Censo do CNPq apontava mais de 10 mil grupos de pesquisa em Ciências Humanas, dos quais quase a metade são na área da Educação.

Sobre a desigualdade entre homens e mulheres como fontes escolhidas para serem entrevistadas, mesmo que se considere as diferenças nas escolhas das áreas de formação, é possível um esforço, tanto por parte das assessorias de imprensa das instituições de pesquisa quanto dos veículos de imprensa, na busca de um equilíbrio. As mulheres já superaram os homens em número de concluintes de cursos de graduação e em número de pesquisadores cadastrados no Censo do CNPq. Elas estão próximas de alcançar os homens no percentual de líderes de grupos de pesquisa. Falta conquistar mais espaço como fontes do jornalismo.

Referências

CHIARINI, T.; RAPINI, M. S.; SANTOS, E. G. **Revelando tendências**: análise dos resultados do censo de grupos de pesquisa de 2023. Brasília: Ipea, 2024.

DAMASCENO, D.; MEDEIROS, A.; CARNEIRO, M.; MASSARANI, L.; OLIVEIRA, T.; RAMALHO, M. Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia de covid-19. **Contracampo**, Niterói, v. 43, n. 1, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v43i1.61118>. Acesso em: 13 maio 2025.

HEERDT, B.; BATISTA, I. L. Questões de gênero e da natureza da ciência na formação docente. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 30-51, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2016v21n2p30>. Acesso em: 13 maio 2025.

IBGE. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 3. ed. Brasília: IBGE, 2024.

MASSARANI, L.; CASTELFRANCHI, Y.; PEDREIRA, A. L. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560015>. Acesso em: 13 maio 2025.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>. Acesso em: 13 maio 2025.

PEDREIRA, A. E. F. **Gênero, ciência e TV**: representações dos cientistas no Jornal Nacional e no Fantástico. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

RAMALHO, M.; MASSARANI, L.; CASTRILLÓN, T. A.; POLINO, C.; VARA, A. M.; CRÚZ-MENA, J.; HERMELIN, D.; CEVALLOS, M. D.; CASTELFRANCHI, Y.; OCA, A. M.; POZA, G. R.; MOREIRA, I. C. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In: MASSARANI, L. (org.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico**: a experiência de uma rede ibero-americana. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa Oswaldo Cruz, 2012, p. 11-24.

REVISTA PESQUISA FAPESP. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1995-. 2024. ISSN 1519-8774.

RODRIGUES DA SILVA, E. A (In)visibilidade das mulheres no campo científico. **Travessias**, Cascavel, v. 2. n. 2, p. 1-20, 2008.

SILVA, A. E. F. A.; PEREIRA, J. R. Pesquisas científicas em universidades públicas de Minas Gerais (Brasil): quinze anos de notícias e suas repercussões. **Journal of Science Communication – América Latina**, Trieste, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22323/3.04010205>. Acesso em: 13 maio 2025.

TÔZO, C. O. Wilson da Costa Bueno - o jornalismo científico ontem e hoje. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 26, p. 151-157, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v26i2p151-157>. Acesso em: 13 maio 2025.

TÔZO, C. O. O jornalismo científico produzido nas (pelas) universidades públicas: algumas reflexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2022b. p. 1-16.

TÔZO, C. O. A produção do jornalismo científico pelas universidades públicas: a experiência do Jornal da USP. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 28, p. 99-120, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v28i2p99-120>. Acesso em: 13 maio 2025.

TÔZO, C. O. **A práxis do jornalismo científico**: a experiência do Jornal da USP e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico. 2024. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Women scientists are minority in the cover stories and interview sections of *Pesquisa Fapesp* magazine

Abstract

Recent research on scientific journalism has investigated the organizational communication of research institutions and their presence in the media, the areas of knowledge that are most publicized and those that appear least, and the difference between male and female scientists in the number of people interviewed. This study uses Discursive Textual Analysis as a methodology to investigate the institutions, areas of knowledge and gender of the sources interviewed by *Pesquisa Fapesp* magazine for its cover stories and interview sections, in its twelve editions published in 2024. The University of São Paulo stands out as the institution with the largest number of interviewees. More than half of those interviewed are from public universities. The magazine's reporting team interviewed researchers from all regions of the country and also from abroad. No person from the Great Area Linguistics, Languages and Arts was interviewed for the magazine's cover stories in 2024. The Great Areas with the most respondents are Exact and Earth Sciences, Agricultural Sciences and Health Sciences. Among the specific areas, Medicine, Meteorology and Physics are those with the most people interviewed. Women scientists represent less than a third of the total interviewees in the cover stories and less than a quarter in the interview sections.

Keywords

scientific journalism; organizational communication; areas of knowledge; women scientists; *Pesquisa Fapesp*

Autoria para correspondência

Rodrigo Bastos Cunha
rbcunha@unicamp.br

Como citar

CUNHA, Rodrigo Bastos. Mulheres cientistas são minoria nas reportagens de capa e seções de entrevista da revista *Pesquisa Fapesp*. **Intexto**, Porto Alegre, n. 57, e-145042, 2025. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.145092>

Recebido: 08/01/2025

Aceito: 21/04/2025



Copyright (c) 2025 Rodrigo Bastos Cunha. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.